

A MÚSICA CEARENSE NA ESCOLA BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Filipe Ximenes Parente

Pedro Rogério

Universidade Federal do Ceará – UFC

Universidade Federal do Ceará – UFC

philipeximenes@gmail.com

pedromusica@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho, é um relato de experiência, fruto de uma observação de campo na área da docência em música na Universidade Federal do Ceará (UFC), na disciplina de Estágio Supervisionado em música. Durante a observação os estudantes utilizaram um projeto que tinha como repertório principal a música cearense, intitulado “Música cearense na escola local”. Observar uma prática docente, que utilizou a música local como ponto de partida para o ensino de repertório e também como ferramenta de musicalização, aguçou o nosso senso crítico e reflexivo para novas indagações no cenário de educação musical. Notamos, no decorrer das observações alguns aspectos importantes levantados por Lira (1984) a respeito da carência de salas adequadas, e de materiais para a aula de música, além da carência de professores de música no ambiente escolar. Por último, destacamos que a música local é pouco conhecida naquele ambiente escolar, e que este trabalho fomenta outros questionamentos e reflexões sobre o tema, sendo estes pilares para a busca de respostas em momentos posteriores.

Palavras chave: estágio supervisionado, música cearense, prática docente.

Introdução

A ideia de investigar a prática docente, articulada por estudantes na disciplina de estágio com o projeto “Música cearense na escola local”, surge com a intenção de analisar quais os capitais adquiridos e acumulados que se convertem em vantagens e/ou desvantagens para o desenvolvimento dessa prática.

Pesquisar sobre a prática docente é, segundo Freire (1996, p.29), uma forma de intervir na educação, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Pimenta e Anastasiou (2008, p.48) nos ajudam nas inquietações presentes nesse trabalho, indagando: “qual a finalidade de ensinar? Ensinar para quê? Ensinar quem? Ensinar como? São questões que se imbricam e evidenciam a complexidade desse fenômeno.”

Qual seria o repertório a se ensinar na disciplina de música na escola básica? Concordando com os estudos de professores e educadores musicais (FREIRE, 1993; SZÖNYI, 1976; SWANWICK, 2010), a música cearense pode ser o ponto de partida para esse aprendizado musical. Todavia, é necessário investigar como se forma o professor de música no Ceará e que capitais são importantes para o desenvolvimento de um trabalho com a música local.

O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre a observação de uma prática docente articulada por três estudantes que cumpriam a disciplina de Estágio Supervisionado, no curso de música, da Universidade Federal do Ceará, que aplicaram um projeto pedagógico que tinha como repertório principal a música cearense.

No próximo tópico deste relato apresento o passo a passo da pesquisa dialogando com autores do campo educacional e musical, objetivando embasar teoricamente as práticas analisadas.

Observando a prática docente em música

Este tópico traz algumas observações feitas pelo pesquisador no campo de pesquisa e o passo a passo de sua realização. A frequência ao campo se tornou importante para construir uma visão e uma análise própria do pesquisador, podendo ser confrontada com os depoimentos relatados nas entrevistas.

De início, fui ao curso de música da Universidade Federal do Ceará, localizado no *Campus* do Pici, em uma turma de estágio supervisionado com o propósito de saber quais estudantes estariam disponíveis para trabalhar a proposta da pesquisa. Após essa visita, obtive a disponibilidade de alguns estagiários interessados em trabalhar com o tema em suas aulas. Houve cinco voluntários que estavam em uma mesma escola, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental, localizada no bairro Passaré, em Fortaleza, Ceará.

Havia na escola a possibilidade de se trabalhar com a flauta, violão e voz, no entanto, por viabilidade de horário e disponibilidade, a turma escolhida foi a que estagiava na segunda-feira, no horário da manhã. A lente de observação foi voltada para os três

estagiários desse turno, sendo um deles mais efetivo¹ nas aulas, atuando diretamente na prática pedagógica, enquanto os outros eram responsáveis pela escrita, transcrição de algumas músicas, relatórios de estágio e participavam ativamente de algumas aulas e/ou momentos específicos da aula. O instrumento utilizado nas aulas foi o violão, pois é o instrumento que o estagiário sabe trabalhar.

No primeiro dia de aula (Aula 1), doze alunos participaram e eu fui apresentado como pesquisador. Esses alunos estudam no contra turno, ou seja, eles tinham um período de aula regular no turno da tarde e frequentam a escola às segundas-feiras pela manhã para a aula de música. Tais aulas iniciam-se às 7:30 da manhã e vão até às 10 horas, com um intervalo de 20 minutos. A turma é composta por alunos que cursam o sexto e sétimo ano, numa faixa etária de 11 a 13 anos. As aulas acontecem no laboratório de informática, que tem uma estrutura composta por oito computadores; uma televisão; quatro mesas intermediárias, onde os estudantes colocam seus cadernos de anotações e partituras; vinte e oito cadeiras plásticas; treze cadeiras acolchoadas; dois ares-condicionados; um quadro branco e as paredes revestidas de azulejos. Há também alfabetos e palavras coloridas nas paredes. Nesse dia, os alunos estavam praticando em grupo um exercício curto a três vozes no violão. Algumas aulas também aconteceram na biblioteca, e em outra sala, no segundo andar da escola.

Na segunda aula (Aula 2), o número de participantes diminuiu para dez, e nessa aula foram trabalhados os ritmos com figuras de mínima² e semínima³. Também foi realizado o estudo dos acordes⁴ de lá menor e mi menor, aos quais iriam compor a harmonia da primeira música chamada “Ponta do Lápis” de Rodger Rogério e Clodo Ferreira. A execução dos acordes se deu de modo gradual até a completa assimilação da posição dos acordes no braço do instrumento.

¹ Presente e atuante em todas as aulas.

² Figura rítmica. É um som que tem uma determinada duração de tempo.

³ Figura rítmica. É um som que tem uma determinada duração de tempo.

⁴ É o conjunto de dois ou mais sons ouvidos simultaneamente.

Figura 1 – Segunda aula.



Fonte: Arquivo Pessoal, 23/09/2013.

Em um terceiro momento (Aula 3), os alunos foram convidados a fazer uma revisão de todo o conteúdo e também alguns exercícios rítmicos. Tais exercícios foram executados com a voz e o violão, como meio facilitador de aprendizagem. Essa aula foi composta também de uma apreciação audiovisual de quatro músicas, sendo uma de cada compositor escolhido para a pesquisa. As músicas foram: “Beira mar” de Ednardo, “Rapaz latino americano” de Belchior, “Canteiros” de Raimundo Fagner e Cecília Meireles, e “Ponta do Lápis” de Rodger Rogério e Clodo Ferreira. Foi colhida a opinião de cada um dos alunos sobre o repertório apresentado e observou-se que a música do compositor Raimundo Fagner foi a única que alguns dos alunos já teriam ouvido por influência dos pais, avós e vizinhos. Partindo dessa experiência, cabe propor um futuro trabalho sobre o gosto e a percepção dessas músicas. Como é a música cearense para o estagiário e para os alunos que aprendem esse tipo de música? Continuando a proposta da aula, os alunos levaram uma folha com o devido cabeçalho e nome dos compositores para uma pesquisa junto ao corpo

docente, objetivando construir um projeto pedagógico que usa como base o conhecimento musical dos docentes.

Nesse mesmo encontro, houve um imprevisto e os alunos da quinta série foram colocados com o estagiário para que pudesse preencher o tempo vazio, pois um professor tinha faltado à aula. Tendo em vista esse impasse, o estagiário aceitou os alunos e partiu para um processo de experimentação com as músicas cearenses apresentadas ao grupo de alunos que estudavam música. O resultado foi muito parecido. A respeito desse preenchimento imprevisto de aula, entendemos que os alunos foram direcionados para a aula de música com o intuito de ocupar o tempo de ausência do professor daquela turma. Para Moraes e Torres (2004), as estratégias de ensino devem favorecer a aprendizagem que integrem vários sentidos. Aspectos estéticos como o filme, a dança e a música agregam uma sofisticação na relação ensino-aprendizagem. Todavia, é necessário que essa estratégia seja planejada para que a aula tenha um objetivo concreto e não se detenha apenas em ocupar o tempo de ócio dos alunos.

Os dois outros encontros (Aula 4 e Aula 5) foram interrompidos, um por doença⁵ e outro por feriado⁶. Após duas semanas sem aula, eles tiveram uma aula revisional que objetivava o estudo de todo conteúdo aprendido nas aulas. A aula seguinte foi feriado⁷ novamente.

Em continuidade, a outra aula (Aula 6) contou apenas com a presença de quatro alunos por causa da quantidade de feriados e imprevistos, como a manhã chuvosa, assim justificou o estagiário. Na presente aula, um dos alunos era novato e prontamente o estagiário tratou de colocá-lo para participar do grupo. Houve um exercício com a mão direita, em seguida com a mão esquerda, fazendo um cromatismo⁸. Foram revisados os acordes da música “Ponta do Lápis” e também outras músicas para uma apresentação que os alunos fariam no curso de música da UFC, valendo como apresentação de trabalho do estágio supervisionado. Nessa aula, os alunos entregaram a pesquisa que fizeram junto aos

⁵ Gripe.

⁶ Dia dos professores.

⁷ Dia do funcionário público.

⁸ Também denominado escala temperada, consiste na divisão da escala em doze semitons.

professores, tentando colher informações sobre o que esses professores conheciam de música cearense e, mais especificamente, dos compositores apresentados na proposta. É importante ressaltar que das doze fichas enviadas, apenas três voltaram preenchidas, e ainda assim não totalmente, pois existiam compositores cujas músicas não eram conhecidas pelos professores.

As músicas citadas pelos professores foram:

- a) Belchior: Medo de avião / Rapaz latino americano
- b) Ednardo: Pavão Misterioso / Terra⁹
- c) Fagner: Canteiros / Romance no deserto / Borbulhas de amor / Noturno
- d) Rodger Rogério: Não conheciam nada.

Aconteceram nove encontros nesse primeiro semestre da pesquisa, que viabilizaram a observação do campo, a inserção e a integração do pesquisador, além de algumas entrevistas com os estagiários, demonstrando a possibilidade e a viabilidade da pesquisa.

No segundo semestre, as aulas de música tiveram início, também, na sala de informática. O primeiro encontro (Aula 1a) contou com a presença de dez alunos, sendo seis alunos novatos e quatro veteranos. É válido lembrar que a turma mudou de horário. Nesse momento, as aulas aconteciam no período da tarde de sexta-feira. O professor/estagiário iniciou esse primeiro momento com um exercício de introdução à leitura de partitura: fazendo uso de apenas uma linha, ele ensinou as notas mi, fá e sol. Em conjunto com a escrita, houve a prática no instrumento, visto que essas notas podiam ser executadas na primeira corda do violão. Houve uma explicação sobre a diferença de nota para acorde, sendo o primeiro a execução de uma nota e o segundo a execução de um conjunto de notas. Foi, também, apresentado o sistema de cifras com as devidas relações entre as letras e os nomes dos acordes. Nessa aula, foram ensinados os acordes de lá maior e ré maior, além da execução melódica das notas mi, fá e sol.

No segundo encontro, uma das alunas ganhou um violão. Esse instrumento foi doado para a escola por uma pessoa da comunidade que tinha conhecimento das aulas de música

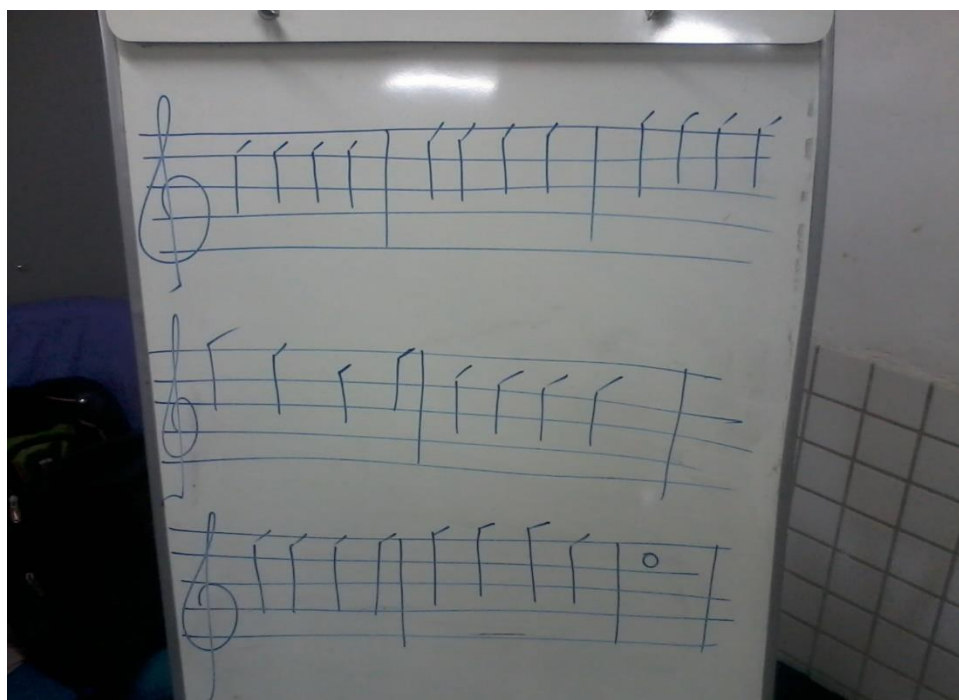
⁹ A música “Terra” foi descrita em uma das fichas com um de seus versos: “Eu venho das dunas brancas...”; e em outra como: “Aldeota”.

que aconteciam naquele local. Segundo o professor, o instrumento seria dado ao aluno que tivesse características como: comportamento exemplar, persistência e assiduidade nas aulas. Após o momento de “premiação”, houve uma breve revisão da aula anterior.

Os padrões que o professor utilizou para justificar a escolha foram, muitas vezes, preponderantes em outras decisões no contexto escolar. Contudo, entendemos que a escolha dessa aluna, também, teve como fator decisivo um fomento à motivação, pois era o único discente que não tinha instrumento. Vygotsky (1998) entende a motivação como uma função psicológica semelhante a percepção, emoção, recordação, ou seja, está no ser humano e é parte dele. Dessa maneira, o professor/estagiário, objetivando aumentar essa função psicológica intrínseca, premiou a discente com o violão.

Ainda neste encontro (Aula 2a), as notas foram incluídas na pauta (conjunto de 5 linhas paralelas e equidistantes formando entre si quatro espaços). As figuras de tempo também foram conteúdos ensinados e exercitados através dos exercícios rítmicos, executados de maneira progressiva. A priori, os exercícios foram cantados para em seguida serem tocados. Exercícios de mecânica foram praticados já com o uso das figuras de tempo.

Figura 2 – Exercício com as notas aprendidas.



Fonte: Arquivo Pessoal, 14/03/2014.

A terceira aula (Aula 3a) começou com a apresentação da música “Terral”, composição de Ednardo. Os alunos apresentaram receptividade ao ritmo da música e iniciaram os estudos de seu ritmo e acordes. Como segunda parte da aula, foi apresentado aos alunos um padrão para que pudessem criar algo usando as três notas do exercício melódico executado na aula anterior. Observou-se nos alunos novatos o “medo de errar”, enquanto os veteranos criaram sem demonstrar medo ou insegurança. Um arranjo elaborado pelo professor/estagiário com dois acordes e duas vozes foi elaborado e proposto como exercício para os alunos, que o fizeram.

Na quarta aula (Aula 4a), os alunos aprenderam as notas “si-dó-ré”, acompanhadas da leitura de suas partituras. Em seguida, essas notas foram combinadas com as notas “mi-fá-sol” ensinadas nos outros encontros. O professor usou como meio didático a escrita do nome das notas, apagados progressivamente para objetivas a memorização por parte dos alunos. Deram início à leitura de tablatura (outro código de escrita da música).

No quinto momento (Aula 5a), foi feito um levantamento sobre a preferência musical dos alunos e sobre as influências de construção do gosto. No encontro posterior (Aula 6a), a aula se constituiu a partir de exercícios mecânicos no instrumento, desembocado na execução de um pequeno arranjo melódico, elaborado pelo professor, para duas vozes. No sétimo encontro (Aula 7a), foi elaborado e estudado um exercício a duas vozes e com uso de acordes.

Na oitava aula (Aula 8a), os alunos os alunos conheceram o clarinete e tiveram a oportunidade de perceber a diferença do que foi explicado em aulas anteriores sobre o conceito de nota e acorde, sendo apresentado nesse momento um instrumento harmônico e outro melódico. Executaram os acordes de mi menor e lá menor e foram acompanhados pelo clarinete na execução da música “Ponta do Lápis”, composição de Rodger Rogério. Além da execução em conjunto, a música foi estudada em dupla e praticada com a melodia do clarinete.

Figura 3 – Conhecendo o clarinete.



Fonte: Arquivo Pessoal, 25/04/2014.

Uma aula (Aula 9a) foi substituída por uma apresentação feita na casa José de Alencar em Messejana, em um evento do município de Fortaleza voltado para os gestores das escolas municipais¹⁰. Essa apresentação foi composta por três músicas, sendo elas: Terral, Ponta do lápis e Marcha soldado. Nesse momento, a escola apresentou para outros gestores e professores o trabalho que vem se desenvolvendo naquele espaço escolar através do uso da música cearense, sendo ressaltada a importância pelo presidente da mesa daquela reunião, sobre o conhecimento de nossa cultura, uma prática que tem como ponto de partida a música regional.

O ensinar é um desafio, uma vez que a aprendizagem é uma experiência que só o sujeito educando pode realizar e a intervenção docente surge apenas como uma aposta, atravessada de esperança e lastreada no esforço utópico do educador. Dominar regras didáticas, dispor de significativo volume de informações sobre seu campo de conhecimento,

¹⁰ O evento era intitulado “Encontro de Gestores”.

possuir alguma habilidade de comunicação são elementos de ensino que o profissional pode se apropriar com alguma facilidade. Mas, partindo desse domínio até o ponto de exercer uma ação pedagógica fecunda, há uma grande distância. Por isso mesmo, os educadores que se encontram mergulhados em sua prática docente precisam e sentem a necessidade de retomá-la para analisá-la, para refletir sobre e, quem sabe, poder modificá-la, aprimorando-a. Mas essa preocupação com a atuação prática rebate, imediatamente, na trajetória e no processo de sua formação.

Considerações finais

Observar uma prática docente, que utilizou a música local como ponto de partida para o ensino de repertório e também como ferramenta de musicalização, aguçou o nosso senso crítico e reflexivo para novas indagações no cenário de educação musical. Acreditamos que a descrição detalhada dos espaços da escola e da sala de aula, ajuda o leitor no processo de compreensão espacial do meio em que o pesquisador estava inserido.

No decorrer da observação notamos alguns aspectos levantados por Lira (1984) a respeito da carência de salas adequadas, e de materiais para a aula de música. Como foi relatado as aulas aconteciam em um laboratório de informática, sendo esta uma sala inadequada para a prática musical do instrumento utilizado (violão) e, também, de outros instrumentos como, por exemplo, percussão. A falta de instrumentos também foi outro ponto que ganhou espaço em nossa reflexão. Como os alunos podem aprender se não tem o instrumento para praticar fora da sala de aula? Ele vai ser apenas um aluno de música? Ou será um estudante também?

É importante ressaltar que, os sujeitos observados eram alunos da graduação que cumpriam a disciplina de estágio supervisionado. Dessa maneira, é comum, conjecturar que, nessa disciplina o *discente aprendiz* observe a prática de um professor na escola onde vai atuar. Contudo, na escola não havia professor de música, sendo este ponto mais um entrave no processo de formação do professor de música (*discente aprendiz*) e conseqüentemente emerge uma reflexão a respeito da carência de professores de música na escola básica.

Durante um dos dias da observação notamos que os estagiários tiveram que preencher horário de aula, de outra turma, por conta da ausência de um docente. Isso acrescentou e dinamizou nossas reflexões, que desta vez indagam sobre o lugar das artes e especificamente da música no currículo escolar. Qual o papel das artes? E da música?

Por último, destacamos que a música local é pouco conhecida naquele ambiente escolar, tendo em vista que a pesquisa feita com professores e alunos da escola apresentaram esses dados. Assim, entendemos que pesquisas que tem como objeto de estudo a música local devem ser incentivados no espaço musical, tendo em vista que estudos (SZÖNYI, 1976; SWANWICK, 2010) apontam que o processo de musicalização deve ter como ponto de partida a música local, pois esta é a linguagem musical materna dos indivíduos.

Todavia, este relato não tem o objetivo de cessar, encerrar ou finalizar as inquietações no campo musical, pelo contrário, acreditamos que ele fomenta novos questionamentos que se tornam pilares para a busca de respostas em momentos posteriores, bem como impulsiona o aprofundamento nos estudos sobre o processo de formação docente em música.

Referências

FREIRE, M. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIRA, I. *Rumo a um novo papel da flauta doce na educação musical brasileira*. Dissertação (Mestrado em Educação Musical), Universidade de York, York, 1984.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. *Sentir, pensar: fundamentos e práticas para reencantar a educação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no ensino superior*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SWANWICK. Keith Swanwick fala sobre o ensino de música nas escolas. *Revista Nova Escola*, São Paulo, v. 229, abr. 2010.

SZÖNYI, Erzsébet. *A educação musical na Hungria através do método kodály*. São Paulo: Sociedade Kodály Brasil, 1976.